

2011

Universidade de
Santiago, Cabo Verde

Redy Wilson Lima

TRIBOS URBANAS DA PRAIA: OS CASOS DOS THUGS E DOS RAPPERS

[In Progress: Seminário Sobre Ciências Sociais e Desenvolvimento em África / ISEG/UTL]

Esta apresentação é uma breve reflexão sobre duas pesquisas sobre as sociabilidades e estilos de vida juvenis na cidade da Praia, em Cabo Verde, ainda em curso. Uma, teórica e empiricamente mais madura, iniciada em 2006, junto de grupos de jovens associados a comportamentos delinquentes, auto e hetero-denominados *thugs* e, outra, mais recente, no seio dos *rappers*.

Em Cabo Verde, tende-se a teorizar a juventude a partir de uma abordagem naturalista, isto é, como uma fase de vida transitória entre a selvajaria e a civilização. Desta feita, procurou-se desde muito cedo controlar os jovens (e socializar as crianças) a partir de uma programação institucionalizada.

Na cidade da Praia, antes da independência nacional, coube à Igreja, sobretudo a Igreja Católica, a função de conter os jovens, fortalecendo o vínculo e a obediência social, a partir da interiorização de valores ético-religioso-morais em espaços como a catequese, reuniões de jovens, eucaristias, etc., acreditando estar assim a dotá-los de uma forte base psicológica, levando-os a atingir uma estabilidade pessoal e, por consequência, uma estabilidade social.

Com a libertação da colonização portuguesa em 1975, houve a necessidade de se afirmar o país enquanto Estado-nação e fortalecer os laços de identidade nacional. Sendo assim, tornava-se forçoso criar organizações juvenis capazes de instrumentalizar ideologicamente os jovens, civilizando-os sob o prisma partidário. É nesse contexto que surge a OPAD-CV e a JAAC-CV, que em cooperação com a Escola, os jovens eram ideologicamente formados sob as orientações do partido.

Buscava-se com estas estratégias de controlo tratar os jovens como não agentes, tomando-os apenas como um “vir a ser”, visto que, a prerrogativa era posta na sua condição de transitoriedade. No entanto, convém salientar o facto de que, no caso da formação político-ideológica, para além da necessidade de dotar os jovens de uma identidade nacional homogénea, acreditava-se estar a prepará-los para virem, mais tarde, dar o seu contributo no desenvolvimento do país.

Embora o contexto político proporcionava a homogeneização juvenil, é bom lembrar que o próprio partido não era homogéneo e havia sensibilidades ideológicas divergentes e lutas simbólicas de dominação no seu interior.

Em 1991, com a democratização do país, procedeu-se a uma descolectivização social e as organizações juvenis supracitadas, marcas do passado comunista, tiveram de ser reestruturadas.

No plano das políticas públicas para a juventude, embora sem o peso político-ideológico do passado, continuou-se a ignorar a heterogeneidade da camada juvenil – com culturas diferentes provenientes das suas diferentes pertenças grupais, incorporando *habitus* diferenciados, criando políticas que tendem a estandardizar as transições dos jovens para a vida adulta, ignorando o facto, deles tenderem a autonomizar as suas vidas através de buscas autónomas de trajectórias que nem sempre se encaixam nas políticas determinadas, ainda mais num contexto de transição política relâmpago, em que as reformas sociais previstas foram secundarizadas pelas reformas económicas.

Na prática, por falta de planificação contemporizada e na necessidade de fazer uma ruptura radical com o passado, entrou-se num processo de desprogramação institucional, obrigando os jovens a reforçar a pertença nos grupos de pares e a buscar novas referências, reinventando desta feita novas formas de sociabilidades – formal e/ou informal. Ou seja, os jovens entraram num processo de reprogramação informal, tendo nos grupos de pares os novos agentes reprodutores de referência.

Falamos de uma época em que os valores do *gangsta rap* importados dos Estados Unidos de América, via MTV e filmes sobre os guetos norte-americanos, passam a ser consumidos pelos jovens urbanos desafiliados.

Falar de *gangsta rap* remete-nos à cultura *hip hop* e ao seu elemento oral, o *rap*, que apesar de ter chegado às ilhas nos finais dos anos de 1980, através dos jovens pertencentes a grupos dominantes, desterritorializou-se para a periferia a partir do final da década de 1990, tendo ficado associado à violência no início dos anos de 2000.

Tal e qual a sua origem em South Bronx nos anos de 1970, no caso cabo-verdiano, a desterritorialização e apropriação do *rap* pelos jovens periféricos e semi-periféricos entre os finais dos anos de 1990 e início dos anos de 2000, poderá ser explicada pelas consequências sociais que a reestruturação económica e social levada a cabo no período pós-abertura democrático trouxeram à sociedade, criando em alguns jovens um descontentamento decorrente das condições socioeconómicas precárias com que viviam em muitos bairros periféricos da capital.

O termo *thug*, do acrónimo *thug live* popularizado pelo *rapper* norte-americano 2 Pac, consolida-se à volta dos grupos *gangsta rap* que foram surgindo um pouco por todos os bairros em que os jovens se auto-identificaram com esse estilo de vida desalinhado das condutas dominantes e desafiador das normas instituídas, fazendo com que as cenas de violência comesçassem a surgir como resultados dos “bifes” individuais e territoriais protagonizadas pelos MC’s.

Apesar da promoção da violência e da misoginia, característico do *gangsta rap*, da forma como exalta a vida no gueto, romantiza a actividade das gangues, aclama o tráfico de drogas e apresenta a mulher ora como objecto de desejo ou simples troféu, ora como motivo de depreciação, não podemos falar de um movimento homogéneo, havendo uma outra variante que produz uma representação crua da realidade, politicamente incorrecta, da vida do gueto, sem carga ideológica aparente, contudo, com alcance político evidente, na medida em que, contesta a sociedade dominante através de relatos marcados por experiências individuais ou de grupo, que incorpora um conjunto de dificuldades associadas à sobrevivência em contextos de precariedade e violência.

Portanto, embora o seu discurso seja manifestamente niilista e aparentemente desideologizado, poder-se-á considerar o *gangsta rap*, também, uma forma cultural de manifestação política.

Na cidade da Praia, por exemplo, para além dos “bifes” contra grupos e/ou bairros considerados inimigos, as letras de alguns *gangsta rappers* contém fortes mensagens políticas, denunciando a corrupção social e política, a violência policial, a desigualdade social, a hipocrisia social, a pobreza e a apatia social.

É de salientar que nas sociedades contemporâneas os jovens tendem a se reorganizarem em microgrupos juvenis de sociabilidades, isto porque, estes passam a substituir as instituições formais e a vigilância comunitária, e se estabelecem como uma fonte de socialização menos repressiva, onde se discutem perspectivas e visões do mundo.

Do manancial teórico mais actual utilizado na análise do fenómeno da juventude, a preferência pelo termo tribos urbanas, deve-se ao facto de assentar a análise, embora que metaforicamente, no atrito ou na resistência social de dois grupos juvenis específicos – os *thugs* e os *rappers* – em relação à cultura dominante marcada por uma forte normatividade social.

A manifestação do atrito com o todo social pode, por vezes, constituir-se em movimentos radicais de questionamento da realidade, promovendo uma cultura de violência e de drogas, como são os casos pesquisados, em ambos os casos protagonizada como cultura de invasão (a que se associa o imaginário de “classes perigosas”), mas também de evasão.

Normalmente, os “bifes” ou a violência física e/ou simbólica perpetuada por esses grupos são vistos como algo sem sentido, devido sobretudo à relativa estabilização em torno dos valores com os quais as sociedades se julgam a si mesmas. Contudo, é interessante verificar, no caso das tribos urbanas, que os sentidos também podem existir

onde parece reunir a sua ausência. Muitos jovens valorizam o que observam ou o que se passa ao seu redor, acabando por integrar à nova moda não porque simplesmente existem, mas para que possam existir, isto é, para se fazerem crer que pertencem a um sentimento identitário.

“Where we from” dos Cabo Verde Soldjas (CVS)

Nigga where we from eu e Vila Nova, *J where we from* eu e Vila Nova, *James where we from* eu e Vila Nova, *Nito where we from* eu e Vila Nova, Vila Nova, Vila Nova...

Quando cheguei (...) não mudo de zona...

Morei sempre em casa da minha avó...

É uma pena porque aqui sempre acontece muitas cenas...

Rapazes estragam amizades por causa de raparigas...

Enquanto elas só querem saber do dinheiro...

Aqui na zona se não tens um automóvel não andas com boas damas...

Aqui se não tens fama não tens nome...

Tenho pena daquelas mães que não sabem que as suas filhas andam na droga...

Nesta zona, as notícias do dia são polícia e dramas...

É pena, porque, inocentes não podem reclamar...

Quando canto sinto que estávamos amarrados pelos pés com correntes, como no tempo de Vasco da Gama...

Enquanto sofremos de pobreza, o presidente deita-se, contentemente, em cima de uma boa cama...

Vida assim é péssima e não a queremos (...).

Dinheiro existe para transformar Cabo Verde como um império...

Mesmo assim preferem deixá-lo como um cemitério...

Sempre dizem que um dia isso melhora, mas, todos os dias piora...

Quando vens do estrangeiro, a pobreza fica-te na memória, como uma história...

Aqui é difícil conseguires uma vitória, para chegares à glória...

Senhor, esta é a história da minha zona Vila Nova, não precisa de nenhuma prova...

Vila Nova é a minha zona...

Quando saio daqui no giro, vejo tanta injustiça e tanta desilusão, esta terra está f***...

Apenas confusão, ai que tristeza, este mundo está perdido...

É tanta discriminação por causa do nosso estilo...

Situação nesta terra não está tranquila...

Enquanto os ricos vivem sem problemas, felizes, os pobres pensam no pão para os seus filhos...

Ai que tristeza no coração da nossa gente, são inocentes...

Enquanto o presidente bebe bom champanhe, parado, com os pés cruzados no gabinete...

Quando pego o microfone desabafo...

Estamos a ser torturados, maltratados...

Somos soldados, não podemos estar calados...

As autoridades tiraram-nos a liberdade, não podemos estar à vontade nas ruas...)

James é quem está a queixar-se, não foi assim que Cabral deixou...

Nigga where we from eu e Vila Nova, J where we from eu e Vila Nova, James where we from eu e Vila Nova, Nito where we from eu e Vila Nova, Vila Nova, Vila Nova...

Nos últimos tempos a zona ficou quente...

Andam a provocar-nos por todos os lados, agora qualquer m***, dizem que foram os CV Soldjas...

Piquete não pára de entrar no gueto, com vontade de nos pegarem, para pôr respeito...

Mas isso é impossível, 2007, CV Soldjas é quem manda...

Chega fim-de-semana, apresentamos bebidas para ficarmos arreliados...

Para procurarmos *fegs* para liquidar...

Agora discriminam-nos por causa da roupa, isso é injustiça, governo só traz chatices...

CV Soldjas *in tha house, bad news*...

Nito Bomba está de regresso, a apresentar-me, novo progresso, a morar na Vila Nova...

Nigga que zona louca, já demos provas...

Olha para o movimento na zona, *bitchs* a distribuir suas vaginas...

A gozarem com o meu nome...

Apesar de toda a minha paranóia, nunca pensei na derrota...

Ouçó críticas por todo o lado...

Apesar de toda a minha paranóia, estou preparado, falo sério...

Não sabia se era essa a zona onde vinha morar...

Sinto-me como 2 Pac, todos de olhos em mim...

Não confundem, é CV Soldjas M.V.P....

“Crônicas de street” de Rappa G, Nuts e Dapox

Sentado no Jamaica sempre a fumar charro, descaradamente, sem esconder...

Ficam muito incomodados com a nossa ervinha preta, daí ficam a falar mal...

Mas a nossa ervinha preta não é nada, é a nossa letra, este é o meu trabalho...

Se a escola não der, damos “kasu” no mercado...

Todos os dias que passam, lêmos e escrevemos, passo a passo, o bem e o mal...

Vejo-nos a correr o risco de sermos mortos e se fosse por eles isso já tinha acontecido...

Meus amigos de segunda até domingo, sem preguiça, todos verdadeiros...

Todos os dias sentamo-nos a pensar no futuro, não há preço nem dinheiro...

Live de crack é f***, mas muitos jovens estão metidos...

Vida de *street* é assim, G, tens de ter respeito...

Soldados com mira em cima sem coletes à prova de bala, guerreiros de rua (...) em
chamas, *street live, ghetto fight, crônicas do street*

G, soldados com a mira em cima sem coletes à prova de bala, meu cérebro é a minha
arma...

Ao *street* entreguei a minha alma, estatuto *gangster*...

Com os meus próximos conspiramos crônicas que eles manipulam e disparam...

Cartuchos explodem no *block* em chamas...

Se forem por eles seríamos todos fuzilados, m*** f***, querem ver-nos condenados...

*Street live, ghetto fight, every day every night, same s***...*

À realidade não fugimos e vivemos a escola de rua...

Sentamo-nos com os G's na rua e queimamos erva. É assim o nosso sistema...

Para ti que criticas isso, fica a saber que a rua é o meu compromisso, que se f***, G
c*** nisso...

Soldados com mira em cima sem coletes à prova de bala, guerreiros de rua (...) em
chamas, *street live, ghetto fight, crônicas do street*

Street live, ghetto fight, é perigoso, tens de ser fiel para não ser castigado...

Esta é uma crónica de rua, realidade nua e crua...

Nós somos sobreviventes de uma vida obscura...

Eu e o meu mano estamos na rua atrás de um futuro...

Destino cruel a nossa vida ser assim, *gangster* amado, G...

Ninguém pode julgar o que fazemos porque a situação é difícil e temos de nos desenrascar...

Que se f*** aqueles que pensam que somos delinquentes...

Passo a passo, o nosso estilo é de combatente, cabeça erguida, sempre (...) ...

Este é a minha vida e não estranhem, soldados com a mira pronto para atirarem...

Abusos e injustiças não admitimos...

Soldados com mira em cima sem coletes à prova de bala, guerreiros de rua (...) em chamadas, *street live*, *ghetto fight*, crónicas de *street*

Referências bibliográficas

Dayrell, Juarez (2003), “O jovem como sujeito social”, *Revista Brasileira de Educação*, nº 24, pp. 40-52

Lima, Redy Wilson (2010), “Thugs: vítimas e/ou agentes da violência?”, *Revista Direito e Cidadania (Edição Especial – Política Social e Cidadania)*, nº 30, pp. 191-220

Pais, José Machado (2004), “Introdução”, em José Machado Pais e Leila Maria Blass (coords.), *Tribos urbanas: produção artística e identidades*, Lisboa, ICS, pp. 23-55.

Pais, José Machado (2005), *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*, 2ª Edição, Porto, Ambar

Simões, José Alberto (2010), *Entre a rua e a internet: um estudo sobre o hip hop português*, Lisboa, ICS